

O lugar da escola no processo de reprodução social: leituras de Durkheim, Althusser e Bourdieu

The place of the school in the process of social reproduction: readings of Durkheim, Althusser and Bourdieu

El lugar de la escuela en el proceso de reproducción social: lecturas de Durkheim, Althusser y Bourdieu

Recebido: 16/05/2023 | Revisado: 26/05/2023 | Aceitado: 27/05/2023 | Publicado: 01/06/2023

Thiago Fernandes Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6745-7716>
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
E-mail: thiago.pereira6@unioeste.br

Resumo

Nos dias atuais é comum ouvirmos nos meios de comunicação e relatos cotidianos, discursos que reivindicam a educação e a escola como uma instituição com a potencialidade e tarefa de “transformar” a sociedade. Buscando problematizar esse discurso comumente entre ouvido entre atores sociais quando se referem à função da educação, de que a escola na sociedade contemporânea teria a capacidade e objetivo de “transformar” a sociedade, este artigo, propõe analisar, à luz das contribuições deixadas por autores clássicos da Sociologia da Educação como Émile Durkheim, Louis Althusser e Pierre Bourdieu, como a instituição escolar está mais próxima de funcionar como um mecanismo de reprodução das condições desiguais da sociedade capitalista do que o seu contrário. A metodologia de pesquisa utilizada será constituída da análise histórica dos autores estudados, por meio de pesquisa bibliográfica. Para corroborar as contribuições mais contemporâneas de Bourdieu, trazemos uma breve análise sociológica da função da escola no processo de reprodução social, a análise de Jessé de Souza. Analisando como pode ser estabelecido um diálogo entre os autores selecionados neste artigo, buscamos pensar a instituição escolar como ela está disposta na realidade concreta na percepção dos autores aqui discutidos, que destacam a dimensão reprodutivista do sistema escolar. Não para desacreditá-lo ou negar as possibilidades de utilização desta instituição para possíveis projetos inclusivos e democratizantes, mas para pontuar como, desde os primórdios de sua existência, a instituição escolar está mais propensa a imiscuir-se em direção a conservação da estrutura social existente na percepção dos autores ora analisados.

Palavras-chave: Instituição escolar; Reprodução escolar; Reprodução social.

Abstract

Currently, we still hear speeches in the media that claim education and the school as an institution with the potential and task of “transforming” society. Seeking to problematize this discourse commonly overheard among social actors when referring to the function of education, that the school in contemporary society would have the capacity and objective of “transforming” society, this article proposes to analyze, in the light of the contributions left by classic authors of the Sociology of Education such as Émile Durkheim, Louis Althusser and Pierre Bourdieu, how the school institution is closer to functioning as a mechanism for reproducing the unequal conditions of capitalist society than its opposite. The research methodology used will consist of the historical analysis of the studied authors, through bibliographical research. To corroborate Bourdieu's more contemporary contributions, we bring a brief sociological analysis of the role of the school in the process of social reproduction to Jessé de Souza's analysis. Analyzing how a dialogue can be established between the authors selected in this article, we seek to think about the school institution as it is disposed of in concrete reality in the perception of the authors discussed here, who highlight the reproductive dimension of the school system. We do not want to discredit the transformative possibility of the school, but to show how, since its inception, the school has been closer to a conservation trend.

Keywords: School institution; School reproduction; Social reproduction.

Resumen

En la actualidad, todavía es común escuchar en los medios de comunicación y reportajes cotidianos, discursos que reivindican la educación y la escuela como una institución con potencial y tarea de “transformar” la sociedad. Buscando problematizar este discurso comúnmente escuchado entre los actores sociales al referirse a la función de la educación, de que la escuela en la sociedad contemporánea tendría la capacidad y el objetivo de “transformar” la

sociedad, este artículo se propone analizar, a la luz de los aportes dejados por autores clásicos de la Sociología de la Educación como Émile Durkheim, Louis Althusser y Pierre Bourdieu, cómo la institución escolar está más cerca de funcionar como mecanismo de reproducción de las condiciones desiguales de la sociedad capitalista que su contrario. La metodología de investigación utilizada consistirá en el análisis histórico de los autores estudiados, a través de la investigación bibliográfica. Para corroborar las contribuciones más contemporáneas de Bourdieu, traemos al análisis de Jessé de Souza un breve análisis sociológico del papel de la escuela en el proceso de reproducción social. Analizando cómo se puede establecer un diálogo entre los autores seleccionados en este artículo, buscamos pensar la institución escolar tal como está dispuesta en la realidad concreta en la percepción de los autores aquí discutidos, que destacan la dimensión reproductiva del sistema escolar. no queremos desacreditar la posibilidad transformadora de la escuela, sino mostrar cómo, desde sus inicios, la escuela ha estado más cerca de una tendencia conservacionista.

Palabras clave: Institución escolar; Reproducción escolar; Reproducción social.

1. Introdução

Durante boa parte do século XX, sobretudo na primeira metade deste século, depositou-se grande expectativa por parte de diversos setores sociais ligados à educação no Brasil - e mesmo no mundo, como no caso da França por exemplo -, de que a massificação da oferta de vagas na instituição escolar pudesse contribuir para promover transformação social e maior grau de inclusão, fomentando o desenvolvimento de sociedades mais justas e inclusivas a partir de um processo de escolarização capaz de colocar em condições mais próximas de igualdade, indivíduos oriundos de diferentes classes sociais.

Como observam Favoreto e Galter (2020, p. 02), até os dias atuais esta perspectiva ainda é muito presente em discursos quando referem-se às atribuições e papéis atribuídos à instituição escolar, ainda que não se tenha clareza sobre qual tipo de “transformação” se pretende e diante das interrogações sobre propostas de transformação se tenham mais dúvidas do que respostas.

Nesse sentido, autores como Nogueira e Nogueira (2002, p. 16) e Bonamino, et al. (2010, p. 487), observam como, durante toda a primeira metade do século XX, os intelectuais da educação no Brasil, postulavam que a universalização da oferta de educação escolarizada pública e universal, por si só, seria capaz de promover modificações de caráter inclusivo na sociedade.

Esta esperança presente entre os intelectuais da educação no Brasil das primeiras décadas do século XX, diga-se de passagem, era em alguma medida, justificada pela esperança suscitada pela instituição escolar em sua manifestação republicana, que, como observa Dubet (2008, p. 382), era esta instituição que prometia o acesso de todos, sendo num primeiro momento, compreendida pelo mérito e grandeza de oferecer o acesso a todos, ainda que posteriormente, se observasse que esta condição estivesse orientada à difusão de uma cultura nacional e às novas necessidades produtivas e que a permanência e qualificação não eram os mesmos.

No entanto, o processo de massificação da instituição escolar, desenvolvido no decorrer do século XX, tanto no contexto francês, como o analisado por Bourdieu e Passeron em sua significativa obra: *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, por exemplo, como no contexto brasileiro, em que os índices de escolarização revelaram significativo aumento, a despeito da precariedade no atendimento sobretudo das camadas mais subalternas da sociedade, revelou que a pura e simples existência da escola, ou a oferta de educação escolar por si só, não seria capaz de fomentar tais mudanças de caráter inclusivo. Mais do que isto: a instituição escolar revelou pender muito mais para a manutenção do *status quo* da organização social do que para sua transformação de cunho inclusivo.

Nesta perspectiva, este trabalho tem o objetivo de analisar especificamente as contribuições trazidas por três autores que identificaram de forma clara em suas reflexões, como a instituição escolar, em sua natureza, forma e essência pode e deve ser compreendida, inicialmente, como uma instituição promotora da manutenção social, distante portanto do que propõem as leituras comumente reivindicadas no imaginário social, de que escola serviria para “transformar” a sociedade.

Este artigo pretende discutir à luz das análises propostas por Émile Durkheim (1858-1917), Louis Althusser (1918-1990) e Pierre Bourdieu (1930-2002), como e em que medida a escola, uma das instituições sociais mais presentes e importantes da sociedade contemporânea e em cujo espectro ainda se deposita significativa esperança de diversos setores sociais de que tal instituição possa ser capaz de reconfigurar e transformar as bases da vida social e da sociedade como um todo, no fim das contas, possui um caráter que contribui mais para a manutenção do que para a transformação social.

Traremos também uma discussão a respeito de uma percepção que pode aproximar estes três autores, de matizes tão diferentes entre si. Para os efeitos da análise deste artigo, a despeito de suas importantes distinções analíticas e ideológicas, estes três autores ajudam a pensar a instituição escolar a partir de como ela realmente se apresenta na realidade, despojada de possibilidades utópicas.

E destacamos neste artigo especificamente esses três autores pois, ao se debruçar sobre a análise do papel da instituição escolar na sociedade capitalista, cada qual à sua concepção teórica e ideológica, mesmo desenvolvendo análises sobre a escola que guardam significativas distinções, têm em comum o fato de privilegiar em suas respectivas análises, o fato de pensar a instituição escolar, tal como ela existe e se apresenta na realidade concreta, fugindo de análises baseadas no *devoir* ou em como esta poderia ser.

Ao se debruçar sobre a análise da instituição escolar e suas consequências para a sociedade, esses autores ajudam a compreender, não apenas o papel ou a função social desta singular instituição social, mas, a partir dela, pensar a rede de configurações sociais que tornam possível a existência da vida social do modo como ela se apresenta atualmente.

O pano de fundo que orienta as reflexões deste artigo não é o de uma tentativa de extinguir as possibilidades de enxergar na instituição escolar uma possibilidade de promoção da transformação ou da inclusão social, mas de pontuar que, para além do discurso comumente atribuído a um suposto papel “transformador” da escola, é salutar considerar que esta instituição, desde seu surgimento, tem como característica majoritária, natureza e modo de organização, uma estrutura que mais a aproxima da promoção da manutenção da estrutura social do que seu contrário.

Portanto, a reflexão trazida aqui, propõe o convite a pensar que, antes de ser pensada como uma instituição – que naturalmente pode e deve ser defendida como uma das possibilidades de, em sociedades democráticas possuir a tarefa de promover a mitigação da distância entre os grupos sociais – naturalmente dada à transformação, é necessário considerar que, para cumprir o papel de promover a transformação, torna-se necessário pensar na própria subversão da natureza constituinte dos objetivos fundamentais da instituição escolar.

E ao pensar na instituição escolar como ela realmente é, nos ajuda a pensar suas reais possibilidades e limites, a desenvolver “utopias realistas”, a “sonhar com os pés no chão”, a entender que, mesmo vislumbrando na escola uma possibilidade de promoção da democratização, tal proposta não constitui um dado natural para uma instituição que cumpre primeiramente uma função de reprodução social.

2. Metodologia

A metodologia de pesquisa utilizada neste artigo será constituída da análise histórica dos autores estudados, por meio de pesquisa bibliográfica, buscando compreender o desenvolvimento do pensamento dos autores em seus contextos históricos e sociais, à luz das discussões realizadas em seu tempo a respeito de suas percepções do papel social cumprido pela instituição escolar na estrutura social.

Neste artigo, propomos desenvolver um estudo exploratório e bibliográfico, buscando apresentar e explorar as similitudes das reflexões dos três autores analisados sobre o papel social cumprido pela escola, sobretudo no contexto republicano, enquanto instituição que, na percepção dos autores, é compreendida como instituição de promoção da manutenção da ordem social vigente.

Como observa Severino (2007, p. 122) e Ruiz (2019, p.58), a pesquisa bibliográfica, caracteriza-se por sua realização a partir dos registros disponíveis, sobretudo do registro de documentos acadêmicos como livros, artigos e teses, utilizando nelas, também, as categorias teóricas dos autores já registradas por outros autores, consistindo na análise desses materiais já desenvolvidos como ponto de partida da reflexão proposta.

A pesquisa bibliográfica, é igualmente observada por Cervo, et al (2007, p. 60), como um tipo de pesquisa que se interessa em explicar uma questão baseada em referências teóricas disponibilizadas em documentos acadêmicos como livros, artigos e dissertações.

Serão utilizadas fontes primárias (obras dos autores analisados), fontes secundárias (obras sobre Durkheim, Althusser e Bourdieu), fontes de apoio filosófico, como as discussões que ajudam a compreender temas importantes tratados pelos autores e análises teórico-filosóficas que dialogam com os temas e questões analisados nesta temática.

No percurso metodológico desenvolvido nesta pesquisa foram analisadas prioritariamente as produções desenvolvidas pelos autores, bem como as produções acadêmicas sobre os autores, buscando analisar e discutir teoricamente as implicações da instituição escolar percebida pelos autores em sua primazia de conservação social.

3. Resultados e Discussão

Dos três autores franceses analisados neste trabalho, Émile Durkheim, é o mais antigo, é também um dos fundadores da Sociologia, destacando-se por observar os fenômenos sociais, classificados por ele como uma: “coisa”, ou seja, de maneira impessoal e objetiva Durkheim (1982, p. 28).

De acordo com a observação de Konder (2010, p. 103), no desenvolvimento deste campo, destaca-se por criar um método de investigação positivista para a compreensão da realidade social, enfatizando a necessidade analisá-la cientificamente a partir do tratamento do fato social como uma coisa, segundo o autor, uma condição necessária para a cientificidade da compreensão da realidade social.

Nascimento e Favoreto (2018, p. 252) consideram como Durkheim foi também o fundador da chamada “Sociologia da Educação”. Pioneiro neste campo, o sociólogo, ainda na virada do século (XIX para o XX), se dedicou a pensar a função social cumprida pela instituição escolar na sociedade. Foi o primeiro analista social da modernidade a compreender a educação e a instituição escolar como fenômeno social que poderia ser analisado e compreendido a partir das regras de investigações sociológicas.

Ao pensar a sociedade estruturada de maneira orgânica, Durkheim enxergou na escola, a instituição capaz de promover a reprodução cultural do conhecimento acumulado pelas gerações anteriores às gerações mais jovens. Preocupado com a questão da “coesão social” - aspecto caro à sociedade de seu tempo- o autor, compreendeu o sistema escolar como uma instituição fundamental para a manutenção da ordem e da coesão social.

Durkheim (2011, p.54) entende a educação como um processo de reprodução cultural, de socialização metódica das novas gerações. Considerando que todos os indivíduos possuem uma dimensão social, compartilhada com os integrantes da mesma sociedade. Logo o papel da educação constitui-se em formar este “ser social” adaptado a compartilhar do conjunto de regras e condicionamentos da própria sociedade.

Menezes e Silva (2022, p. 327), também observam como a reflexão proposta por Durkheim para pensar as mudanças na organização do sistema escolar constituem ferramentas que ajudam a compreender as mudanças efetivadas no contexto da sociedade, ou seja, a escola, como um lócus para observar a própria sociedade.

Como observam Nascimento e Favoreto (2018, p.254), “Para Durkheim, a sociedade capitalista é mantida pela rígida divisão do trabalho. Por meio da educação, esta prepara os trabalhadores de que necessita”.

A educação é possibilitada e constitui fundamentalmente a ação de uma geração de adultos sobre uma geração de jovens que se encontram face a face, onde o caráter propositivo é dado pela geração de adultos (Durkheim, 2011, p.50).

Pode-se observar que, na perspectiva durkheimiana não há espaço para a consideração da instituição escolar como espaço de promoção de transformações relevantes, na medida em que esta instituição tem como principal objetivo, reafirmar às novas gerações, os fundamentos morais e sociais que edificaram a sociedade até então. Assim, a observação paradigmática de Durkheim a respeito do papel e da função da educação é:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (...). Pode-se concluir que a educação consiste em uma socialização metódica das novas gerações (Durkheim, 2011, p. 53 e 54).

Até aqui Durkheim analisa o papel da escola na “reprodução cultural”, ligado à reprodução dos aspectos culturais de um grupo social, não necessariamente relacionado às diferenças sociais e econômicas, entendidas como ligadas à “reprodução social”.

Como observam Bomeny e Emerique (2020, p. 27), o papel social primaz da educação consiste segundo o autor em promover ideias, sentimentos hábitos coletivos no indivíduo que não surgiriam de modo algum espontaneamente, logo, a sociedade através da instituição escolar promover esta socialização metódica que reflita necessariamente a média dos padrões presentes na sociedade.

A seguir analisaremos a percepção do sociólogo francês Pierre Bourdieu, destacando especificamente sua percepção sobre o funcionamento da instituição escolar já no contexto da segunda metade do século XX e as implicações sociais no processo de sua massificação no contexto francês.

Bourdieu (1982, p. 296), desenvolve uma objeção no sentido de criticar que as teorias sociais clássicas, que em geral, dissociam as duas modalidades de reprodução¹ – cultural e social – elemento que, de acordo com o autor, deveria ser objeto de análise crítica.

Pensando sobre o lugar e o papel que a instituição escolar cumpre na sociedade, Bourdieu chama atenção para a influência da escola no processo de reprodução social. Analisando o modo de funcionamento da instituição e do sistema escolar, o autor observa como, apesar de - em contextos de sociedades democráticas- a escola possuir um discurso aparentemente aglutinador e capaz de receber e promover a aprendizagem de todos os indivíduos que chegam até ela, a obtenção do chamado “êxito escolar” não estaria ao alcance de todos.

Bourdieu traz uma importante contribuição no sentido de compreender a lógica de dominação e reprodução social presente na instituição escolar, sobretudo em sua análise desenvolvida em conjunto com Jean Claude Passeron, em que os autores analisam o funcionamento da escola como um mecanismo de reiteração e reprodução da visão de mundo hegemônica na sociedade. Valle (2022, p. 5), observa esta análise:

Como aprender as lógicas de dominação e as estratégias de reprodução social postas em prática pela escola? Para responder a esta questão, Bourdieu e Passeron edificam uma “teoria geral das ações de violência simbólica” partindo

¹ Bourdieu estabelece uma diferenciação entre os conceitos de "reprodução cultural" e "reprodução social". A primeira, ligada à transmissão do conhecimento acumulado pelas gerações passadas (perspectiva que se aproxima daquela analisada por Durkheim), tratando-se da transmissão entre gerações das informações, morais e culturas acumuladas e a segunda ligada à sociedades organizadas em diversas e distintos estratos sociais, nesse sentido, o ao realizar uma reprodução social, a escola estaria contribuindo para a manutenção da desigualdade. Para o autor, estas dimensões não necessariamente estariam separadas como segundo ele, pressupunha a sociologia da educação.

do pressuposto que a instituição escolar é utilizada como estratégia que visa o monopólio das posições dominantes, pois exerce um papel determinante na distribuição do capital cultural.

Uma vez que a instituição escolar, em primeiro lugar exigiria dos estudantes certo grau de pressupostos e predisposições e, só de posse do domínio destas predisposições seria possível aos estudantes obter chances de lograr êxito nesta instituição. No entanto, estas predisposições, analisadas pela escola como supostamente inatas, ou dependente apenas da vontade individual, na verdade já seriam consequência de um tipo específico de socialização, em geral, ligada aos estratos mais abastados da sociedade.

Em suma, uma instância oficialmente incumbida de assegurar a transmissão dos instrumentos de apropriação da cultura dominante que não se julga obrigada a transmitir metodicamente os instrumentos indispensáveis ao bom êxito de sua tarefa de transmissão, está destinada a transforma-se em monopólio das classes sociais capazes de transmitir por seus próprios meios, quer dizer, mediante a ação de educação contínua, difusa e implícita, que se exerce nas famílias cultivadas (...), os instrumentos necessários à recepção de sua mensagem e necessários para assegurar a essas classes o monopólio dos instrumentos de apropriação da cultura dominante, e por esta via o monopólio da cultura (Bourdieu, 1982, p.307).

Ao transmitir, veicular e reafirmar um tipo específico de conhecimento – ligado às classes mais abastadas e com maior acesso a bens culturais socialmente valorizados, por exemplo – que somente as crianças dos estratos mais ricos têm o privilégio de terem contato e serem aguçadas desde a tenra idade, reafirmando constantemente em seu processo de socialização familiar primária, o sistema escolar acaba funcionando como uma instituição que oficializa os graus diferenciados de aquisição de capitais culturais socialmente legitimados, cumprindo assim o papel de uma das principais instituições que contribuem no processo de manutenção das desigualdades existentes na sociedade.

Analisando a inserção da escola de massa no contexto francês na metade do século XX, que também trazia elementos como a esperança de que a massificação desta instituição social cumprisse uma função democratizadora e mitigadora das desigualdades, Bourdieu observa como, na prática, a função cumprida pela escola de massas era contrária às expectativas nela depositadas.

Valle (2013, p. 419), observa que em seus estudos sobre o papel social desempenhado pela instituição escolar, Bourdieu compreende que a escola acabava naturalizando e legitimando as desigualdades, promovendo uma espécie de “indiferença às diferenças”.

Ainda que a escola proclame, persistentemente sua função de instrumento de mobilidade social, seus estudos vão revelar o caráter ilusório desta promessa, demonstrando que ela exerce um papel crucial na perpetuação das desigualdades frente à cultura. A ingenuidade face ao processo de democratização da educação fica consequentemente evidenciada assim como o fato da escola funcionar como uma máquina de seleção social (Valle, 2013, p. 419).

A instituição escolar, muito longe de despertar uma potencialidade transformadora em configurações sociais desiguais, é, antes de tudo, parte constituinte e mantenedora da reprodução das desigualdades ao validar e legitimar os capitais culturais constituintes do modo de vida das classes sociais hegemônicas (Bourdieu, 1982, p. 307).

Então, ao exigir de todos os indivíduos um tipo de conhecimento e predisposição que só os estudantes de classes sociais mais abastadas possuíam, a escola acaba por contribuir – silenciosa e significativamente – para a manutenção e a reprodução social, uma vez que o sucesso escolar será fundamental para definir as chances de sucesso no trabalho, na obtenção de renda e acesso privilegiado aos espaços socialmente valorizados. Assim, a escola constitui, na perspectiva de Bourdieu, uma instituição fundamental para compreender o processo de reprodução social.

Ao apresentar as hierarquias sociais e a reprodução destas hierarquias como se estivessem baseadas na hierarquia de ‘dons’, méritos ou competências que suas sanções estabelecem e consagram, ou melhor, ao converter hierarquias sociais em hierarquias escolares, o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da ‘ordem social’ (Bourdieu, 1982, p. 311).

Bourdieu (1982), observa que esta é uma das primeiras e mais importantes tarefas do campo da sociologia da educação: compreender a relação do sistema de ensino com a com a manutenção e a reprodução dos capitais sociais e culturais entre as diferentes classes de uma sociedade.

Ainda de acordo com Bourdieu (1982, p. 296), seria pertinente investigar as regras que possibilitam a reprodução de estruturas que produzem agentes adaptados ao sistema de disposições que perpetuam as estruturas sociais. Assim, é imperioso investigar como funciona o silencioso e quase imperceptível sistema de reprodução das estruturas sociais que, a exemplo da instituição escolar, contribui para manter a desigualdade.

Nesse sentido, outro sociólogo contemporâneo que ajuda a pensar o papel social da escola como instituição de aguçamento e consagração das predisposições necessárias ao êxito na sociedade capitalista é Souza (2017, p. 38), que observa como o que classificamos de “sucesso escolar” é na verdade a consagração dos que, desde a socialização primária são estimulados ao desenvolvimento de predisposições que mais tarde a escola irá valorizar. Apesar de ser um autor contemporâneo e portanto, não ter sido lido por Bourdieu, suas reflexões contemporâneas, ajudam compreender esta leitura de um papel de reprodução e justificação das desigualdades por parte da instituição escolar.

Entretanto, tais predisposições – diferente de como a escola postula – não são inatos ou dependem apenas da boa vontade individual, mas são elas mesmas, fruto da socialização específica das classes sociais abastadas. E, quando a escola as valoriza, em detrimento de outras, acaba promovendo o aprofundamento das desigualdades sociais, uma vez que tais predisposições necessárias ao sucesso escolar, não estão ao alcance de indivíduos empobrecidos que não tiveram em seu processo de socialização familiar o desenvolvimento das mesmas predisposições.

Para Souza (2017, p. 88), a escola se constitui numa instituição fundamental compreender a reprodução das desigualdades travestidas de uma justificação retórica sobre o sucesso e o fracasso escolar ao legitimar conhecimentos incorporados que apenas as classes sociais mais abastadas teriam e ainda tratá-lo como se fossem inatos e naturalmente acessíveis a todos apenas pela “boa vontade” e desejo ou “força de vontade” individual. A diferença nas formas de possibilidade de incorporação de capitais culturais, que ajuda a explicar boa parte do processo de reprodução das desigualdades, que tem seu ponto alto quando é justificada e legitimada na escola, se desenvolve ainda no momento da social primária:

É preciso partir, portanto, literalmente do ‘berço’, ou seja, da socialização familiar primária, para que se compreenda as classes e sua formação e como elas irão definir todas as chances relativas a cada um de nós na luta social por recursos escassos. As classes são reproduzidas no tempo pela família e pela transmissão afetiva de uma dada ‘economia emocional’ pelos pais aos filhos. O sucesso escolar dependerá por exemplo, se disciplina, pensamento prospectivo e capacidade de concentração são efetivamente transmitidos aos filhos(...). É esse ‘patrimônio de disposições’ para o comportamento prático que é um privilégio de classes entre nós (...). Como cada classe tem um tipo de socialização familiar específica, é nela que as diferenças entre as classes têm que ser encontradas e refletidas (Souza, 2017, p. 88).

Ao funcionar desta maneira, na prática, a instituição escolar acaba por cumprir o papel – ainda que involuntariamente – de legitimar as predisposições relacionadas a um tipo específico de socialização, presente nos estratos mais abastados da sociedade e, ao considerá-los como inatos, acaba por conferir aos que o possuem o status de “vencedores”.

De forma semelhante, Bourdieu (1982, p. 296), observa que o sistema de transmissão e reprodução de privilégios desenvolvido através do sistema escolar é mais bem adaptado a sociedades que incorporaram – ao menos na esfera d discurso –

o paradigma da igualdade, a saber, a sociedade burguesa. Uma vez que, ao imiscuir-se pelas veredas da dissimulação e aparência de neutralidade, a escola acaba, na prática, sustentando e legitimando a manutenção da desigualdade:

dentre as soluções historicamente conhecidas quanto ao problema da transmissão do poder e dos privilégios, sem dúvida a mais dissimulada por isso mesmo a mais adequada a sociedades tendentes a recusar as formas mais patentes de transmissão hereditária de poder e dos privilégios, é aquela veiculada pelo sistema de ensino ao contribuir para a reprodução da estrutura das relações de classe dissimulando, sob as aparências da neutralidade, o cumprimento desta função (Bourdieu, 1982, p. 296).

Porém a contribuição mais contundente a discussão proposta neste artigo é trazida também por Bourdieu (1982, p. 306) ao observar como, no âmbito da instituição escolar se dá o processo de reprodução social, uma vez que os conhecimentos ofertados e transmitidos pela escola, para serem compreendidos e internalizados por parte do indivíduo, necessitam da prévia posse de instrumentos de apropriação disponíveis apenas a algumas classes, em geral, as mais abastadas, que no ambiente da socialização familiar, reproduzem em seu dia a dia, desde a socialização familiar primária, elementos culturais particulares que dialogam com o saber institucionalizado e legitimado pela instituição escolar.

Na medida em que opera através de uma relação de comunicação, a ação pedagógica visando inculcar a cultura dominante não pode furtar-se (...) às leis gerais da transmissão cultural segundo as quais a apropriação da cultura proposta (...) depende da posse prévia dos instrumentos de apropriação (...) os instrumentos indispensáveis ao êxito da comunicação, os quais, em uma sociedade dividida em classes, são distribuídos de forma bastante desigual entre as crianças das diferentes classes sociais. Pela prática de uma pedagogia implícita que exige a familiaridade prévia com a cultura dominante e que procede pela técnica de familiarização insensível, um sistema de ensino propõe um tipo de informação e de formação acessíveis exclusivamente àqueles sujeitos dotados do sistema de disposições que constitui a condição do êxito da transmissão e da inculcação da cultura. Eximindo-se de oferecer a todos explicitamente o que exige de todos implicitamente, quer exigir de todos uniformemente que tenham o que não lhes foi dado, a saber, sobretudo a competência linguística e cultural e a relação de intimidade com a cultura e com a linguagem, instrumentos que somente educação familiar pode produzir quando transmite a cultura dominante (Bourdieu, 1982, p. 306 e 307).

O instrumental necessário à obtenção do êxito escolar está em geral disponível às classes hegemônicas, a despeito da instituição escolar se comportar como se o conhecimento transmitido por ela estivesse disponível aos indivíduos de todas as classes sociais.

O terceiro autor analisado neste artigo é Louis Althusser, pensador de tradição marxista que buscou compreender as estruturas de funcionamento e reprodução da sociedade capitalista. Uma das instituições que autor refletiu foi a escola e sua relação neste processo de reprodução.

De maneira ainda mais enfática, Louis Althusser nos convida a pensar o papel social da escola ao observar que não há como buscar entender o mecanismo de funcionamento de qualquer formação social sem considerar o fato da necessidade imperiosa de compreender que a reprodução das condições de produção constitui uma condição fundamental da natureza das instituições sociais.

Assim, Althusser (1998, p. 53), observa que, tal como observado por Marx, até uma criança tem ciência de que uma dada formação social que não reproduz as condições de produção ao mesmo tempo que produz, não subsistirá por muito tempo. Portanto, a condição última da produção é a reprodução das condições de produção afim de que estas possam manter as condições sociais inalteradas.

A contribuição de Althusser para a questão proposta neste artigo nos ajuda a pensar seu norte: a escola, como uma das instituições fundamentais da sociedade capitalista não pode ser pensada fora do viés e da ótica de uma instituição que contribui para a reprodução social.

Segundo Althusser (1998, p. 54), se toda formação social, para assegurar sua própria condição de existência, necessita ao mesmo tempo que produz, de reproduzir as condições de sua produção, não nos parece ser possível pensar a instituição escolar como instrumento de transformação estrutural da sociedade, muito pelo contrário, ela, por possuir limites estruturais, estaria muito mais próxima de funcionar como elemento de conservação e reprodução da ordem instituída.

Althusser (1998, p. 55), aprofunda esta concepção, ao observar a singularidade histórica da sociedade capitalista. Pois nela, a reprodução da força de trabalho não ocorre no próprio local de trabalho – como na maioria das configurações sociais que a precederam – mas em uma instituição específica, a saber, a escola. Nesse sentido, a escola tem como princípio genérico fundamental o papel de reproduzir as condições sociais já existentes.

Piletti e Praxedes (2010, p.71), observam ainda que, na compreensão de Althusser, a escola funciona como uma das instituições sociais, como “aparelhos ideológicos do Estado” que difundem as ideologias que engendram as próprias relações de produção necessárias à ideologia vigente na sociedade, sendo incorporadas pelos indivíduos quando praticam tais ideologias reproduzidas pela escola enquanto “naturais”.

Oliveira (2017, p. 95), buscando apresentar a reflexão desenvolvida por Althusser, observa que a instituição escolar no contexto da sociedade capitalista funcionava como instrumento legitimador da ordem social instituída, da organização do poder, assim como também reproduz sua lógica no processo de disposição e organização do trabalho.

Mais do que reproduzir a força de trabalho, a escola, na visão de Althusser, vai preparar não apenas o ofício relativo à força de trabalho, mas também despertar nos estudantes as predisposições necessárias ao mundo do trabalho - ou o que a pedagogia contemporânea classificaria de “currículo oculto” da escola – como a predisposição à disciplina. Temos aqui a defesa de que a escola necessita ser observada fundamentalmente a partir do viés de uma instituição projetada estruturalmente para servir à reprodução das condições sociais:

Ora, o que se aprende na escola? É possível chegar-se a um ponto mais ou menos avançado nos estudos, porém de qualquer maneira aprende-se a ler, escrever e contar, ou seja, algumas técnicas e outras coisas também (...). Aprende-se o ‘know-how’. Porém, ao mesmo tempo e junto com essas técnicas e conhecimentos, aprendem-se na escola as ‘regras’ do bom comportamento, isto é, as conveniências que devem ser observadas por todo agente da divisão do trabalho conforme o posto que ele esteja ‘destinado’ a ocupar; as regras de moral e de consciência cívica e profissional, o que na realidade são regras de respeito à divisão social técnica do trabalho e, em definitivo, regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. Aprende-se também a ‘falar bem o idioma’ a ‘redigir bem’, o que na verdade significa (para os futuros capitalistas e seus servidores) saber ‘dar ordens’, isto é (...) dirigir-se adequadamente aos operários (Althusser, 1998, p. 57 e 58).

Na perspectiva marxista a qual Althusser encontra-se inscrito, organização da sociedade pode ser concebida a partir de sua divisão fundamental em “infraestrutura” (base material da vida prática) e “superestrutura” (instâncias jurídicas, ideológicas, religiosas, onde se encontra a instituição escolar). Na análise do autor, uma das características fundamentais das instituições presentes na esfera da superestrutura é sua característica de reprodução das condições sociais.

Neste sentido, mais uma vez, identificando a ligação umbilical da instituição escolar com os processos de reprodução social, fica nesta perspectiva, ainda mais improvável a possibilidade de serem encontradas características ou potencialidades revolucionárias, transformadoras, ou mesmo reformistas em uma instituição cuja estrutura de sua existência encontra-se associada às condições fundamentais de manutenção e reprodução da anatomia da organização e funcionamento da sociedade de classes.

Nesta perspectiva não há como não pensar em qualquer leitura transformadora, messiânica ou utópica em relação à escola, sem considerar os elementos trazidos por esses autores para pensar a função social que a escola cumpre no contexto de uma sociedade capitalista, dividida em classes sociais, cada qual, com graus diferenciados de bens econômicos e culturais e utilizando-se desses e de outros meios para manter e reproduzir sua condição hegemônica ao longo das gerações.

4. Considerações Finais

O debate trazido neste artigo, que privilegiou a discussão realizada por Durkheim, Althusser e Bourdieu, autores que enfatizam o caráter reprodutivista da instituição escolar, não tem como objetivo, erigir ou corroborar com a defesa de um discurso que postule a supressão do sistema escolar ou que se pretenda a eliminar o caráter utópico de se pensar uma escola inclusiva e transformadora.

Nem tampouco se pretende sugerir que, dado tal aspecto reprodutivista da escola, seja impossível pensá-la como uma instituição capaz promover em alguma medida a mobilidade social ascendente e a inclusão de setores até então marginalizados pela sociedade.

Pelo contrário, entende-se como inegável e imprescindível que uma transformação social de caráter inclusivo e democrático não pode prescindir de uma ação que considere o contexto da instituição escolar, logo ela é parte importante em qualquer sociedade que se pretenda mais inclusiva e democrática.

No entanto, o debate sobre a perspectiva reprodutivista da instituição escolar, sobretudo aquelas trazidas a partir dos autores mobilizados neste artigo, busca chamar atenção para o fato que o discurso – muitas vezes vazio – amplamente reverberado por diversos setores da sociedade, muitas vezes até mesmo por profissionais da educação, de que “a escola transforma”, ou “só a educação é capaz de promover a inclusão”, não passa de uma falácia se não levar em consideração os aspectos estruturais da instituição escolar discutidos aqui.

A contribuição dos autores mobilizados no decorrer deste artigo, busca trazer à discussão que a instituição escola, que desde seu surgimento, tem por função, o cumprimento de um papel social amplamente comprometido com a reprodução das condições sociais, papel que tem desempenhado – por distintas formas – desde seu surgimento e massificação durante todo o século XX no mundo e no Brasil. Logo, pensar a escola como um espaço de promoção de democratização e mudanças ou reformas sociais, implica de certa maneira, rever todo o papel estrutural que a instituição escolar, historicamente desempenhou e desempenha atualmente.

Entender os limites estruturais da instituição escolar constitui um passo fundamental para entender, como ela pode ser útil a um projeto de sociedade que se pretende inclusivo ou democrático, que pense a instituição escolar tendo clareza de seus limites e possibilidades.

Este artigo buscou explorar como três importantes pensadores da sociedade olhavam para a instituição escolar, destacando seu papel preponderante de promotor da manutenção da ordem social, ao reproduzir elementos significativos da estrutura social vigente. Pensar as possibilidades de reformas e transformações sociais, a despeito do caráter conservacionista evidenciado pelos autores aqui estudados são questões que podem ser explorados em estudos posteriores.

Referências

- Althusser, L. (1998). *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Graal.
- Bomeny, H & Emerique, R. (2020). Ciências Sociais e Educação: lições de Durkheim e Florestan Fernandes. *Lua Nova*. Dossiê Ciências Sociais e Educação. (110). 17-48. 10.1590/0102-017048/110
- Bonamino, A. et al. (2010). Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e Coleman, *Revista Brasileira de Educação*, 15 (45), 487-499. 10.590/S1413-24782010000300007
- Bourdieu, P. (1982). *A economia das trocas simbólicas*. Perspectiva.
- Cervo, A.; et al. (2007). *Metodologia Científica*. Pearson.
- Dubet, F. (2008). Democratização escolar e justiça da escola. *Revista Educação*, 33(3), 381-394. 10.5902/19846444.
- Durkheim, E. (1982). *As regras do método sociológico*. Nacional.
- Durkheim, E. (2011). *Educação e sociologia*, Vozes.

- Favoreto, A. & Galter, M. I. (2020). Teorias da transformação social. Paradigmas positivistas e marxistas em debate. *Educere et educare*. 15 (34), 01-22. 10.17648/educare.v15i34.23312.
- Konder, L. (2010). *Filosofia e Educação: de Sócrates a Habermas*. Forma e Ação.
- Menezes, R. & Silva, V. (2022). Ensinar longe da escola: ensaio sobre as representações em E. Durkheim e R Chartier. *Estudos avançados*. 36 (105), 321-335. 10.1590/s0103-4014.2022.36105.019.
- Nascimento, L. & Favoreto, A. (2018). Émile Durkheim, John Dewey e Antônio Gramsci: em debate a teoria da educação transformadora. *Revista Educação em Questão*. 56(49), 250-273. 10.21680/1981-1802.2018v56n49ID14010.
- Nogueira, C.M & Nogueira, M. A. (2002) A Sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação e sociedade*. 23 (78). 15-35. 10.1590/S0101-73302002000200003.
- Oliveira, M. S. (2017). Notas sobre a escola à luz de Louis Althusser. *Horizontes – Revista de educação*. 5 (9) 85-99. 10.30612/hre.v5i9.6350.
- Piletti, N. & Praxedes, W. (2010). *Sociologia da educação: do positivismo aos estudos culturais*. Ática.
- Ruiz, J. A. (2019). *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. Atlas.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez.
- Souza, J. (2017). *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Leya.
- Valle, I. R. (2013). O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. *Diálogo educacional*. 13(38). 411-437. <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v13n38/v13n38a20.pdf>
- Valle, I. R. (2022). A reprodução de Bourdieu e Passeron muda a visão do mundo educacional. *Educação e pesquisa*. 48. 1-16. 10.1590/51678-4634202248244296.